



Equipes de Nossa Senhora

## Encontro Nacional dos SCEs e AEs das ENS Itaici – 14 de maio de 2019

### *Pe. Caffarel: Importância da Oração*

Caríssimos irmãos e irmãs,

Foi recordando o que Paulo escreveu aos Filipenses (2,12), “com temor e tremor”, que acolhi o convite de Lu e Nelson e do Pe. Paulo Renato para falar sobre o Pe. Henri Caffarel e a importância da oração.

Lembro com alegria os idos de 1979, quando pela primeira vez estive em Itaici e aqui travei conhecimento com Dr. Pedro Moncau e Dona Nancy, um casal a quem, espero, um dia a Igreja concederá a honra dos altares.

A Cida e eu entramos nas ENS em 15 de outubro de 1970, quase cinquenta anos atrás, portanto.

Fomos casados durante 30 anos e 2 meses; há 21, ela está no Céu. Tivemos três filhos e são quatro os netos.

Acompanho quatro Equipes e o casal que me convidou para esse acompanhamento, já faz 19 anos, está aqui presente: Marilda e Gilmar Cipriano!

Conheci Pe. Caffarel em Florianópolis, no dia 17 de setembro de 1972, na sua terceira e última visita ao Brasil, e dele guardo preciosa recordação, também material: o autógrafo nos livros “Cartas sobre a Oração” e “O amor e a graça”!

Pe. Caffarel era um homem baixinho, franzino, e de olhar penetrante. Fazia poucos gestos; não levantava a voz, mas a sua presença era forte, impressionante. Era “um homem arrebatado por Deus” (Jean Allemand). E tinha o casal cristão como “um sacramento da Igreja” (L’Anneau d’Or, maio-agosto 1963).

Ensinava com grande clareza e com muita pedagogia, sendo muito criativo. Seu traço mais destacado era a concentração.

“Era exigente, por fidelidade para com os casais e o Espírito Santo”: assim o define a equipista portuguesa Sofia Grijó, que o conheceu (Carta dos Amigos do Pe. Caffarel, jan. 2009, p. 17). Mas “dava-nos Deus”, dirá outra.

Um dos aspectos de sua pedagogia - é o Pe. Paul Lileent (de Fortaleza) traçando seu retrato - era proporcionar a seus ouvintes momentos divertidos, de relaxamento. Lembro-me de uma história que ele contou no meio de uma palestra bem densa, forte:



“Numa região da França havia muitos protestantes; lidavam com os católicos num clima bem ecumênico. Dois casais viviam assim a amizade. O casal católico tinha um menino de uns 4 anos, o protestante tinha uma menina da mesma idade. Os dois eram amiguinhos. Num dia em que as famílias saíram juntas a passeio, no campo, junto ao riacho, as duas crianças caíram no riacho. Foram tiradas facilmente, mas com as roupas molhadas. Despiram-se para as roupas secarem no sol. O garotinho nunca tinha visto a sua amiguinha nua. Ficou muito impressionado. Voltando para casa, ele falou:

- Mamãe!
- Diga, meu amor!
- Eu não sabia que tivesse tanta diferença entre católicos e protestantes!” (Carta Mensal, set. 1997, página 40).

Na exortação apostólica *Gaudete et exultate* (n. 126), o Papa Francisco escreve: “O mau humor não é um sinal de santidade”...

Monique Duchêne, equipista de São Paulo que participou de uma “Semana de Oração” com Pe. Caffarel, atesta: “Ele está ótimo, com um senso de humor que chega a surpreender num homem sério como ele” (Carta Mensal, nov. 1974, p. 21).

Jean Allemant, tão próximo de Caffarel, definia-o como exigente consigo mesmo e com os outros (Um homem arrebatado por Deus). Pe. Marcovits, o postulador da causa de beatificação, diz que Pe. Caffarel “é uma luz para a Igreja e para o mundo” (Carta dos Amigos do Pe. Caffarel, jan. 2009, p. 9).

Nas suas exéquias, na igreja da Madeleine, em 27 de setembro de 1996, o Cardeal Lustiger, Arcebispo de Paris, definiu-o como um *profeta do nosso tempo*. Disse também que “duas preocupações orientaram toda a ação do Pe. Caffarel na diversidade de suas iniciativas: por um lado, a vida do casal, da família, o amor humano; e por outro lado, o amor de Deus e a oração”.

Pe. Caffarel gostava de se definir como um *mendigo de Deus*.

Em 1973, ao comunicar a decisão de deixar a responsabilidade, adiciona adversativa preciosa: “mas não abandono o Movimento”. Vai ajudá-lo com a oração! Enfatiza: “O Movimento está ancorado no meu coração. Os pais não abandonam o filho que funda um lar; não se sentem menos responsáveis pelo destino espiritual daquele que lançaram na perigosa aventura da vida humana. Mas compreendem que doravante devem ajudá-lo à maneira de Moisés em oração no alto da montanha, os braços levantados para Deus, enquanto os israelitas se empenham na planície em rude combate” (Carta Mensal, ago. 1973, p. 3).

O poder da oração!

Nos últimos 20 anos da sua vida, dedicou-se sobretudo a ajudar os leigos a rezar, a compreender o significado da oração na casa de Troussures, a cerca de 75 km. de Paris, que veio a ser sua residência (Boletim de Ligação dos Amigos do Pe. Caffarel, n. 20, jan. 2017, p. 7), e que se tornou o *alto da montanha* para nosso Moisés francês!



Afirma o fundador: “**Interceder** realmente é uma das grandes palavras do vocabulário da oração. É verdadeiramente uma alta função: ela dá ao mesmo tempo testemunho de um grande amor de Deus e de um grande amor dos homens” (Carta Mensal, nov. 1973, p. 2).

A intercessão do Conselheiro junto a Deus, quanto poderá atingir cada membro da Equipe, no seu caminho para a santidade!

Pe. Caffarel *dedicou-se a ajudar-nos a rezar* e continua a perguntar a cada um de nós:

“Quer aprender a rezar? Busque o conhecimento de Cristo, um conhecimento de fé e de amor. E antes de tudo convença-se firmemente de que Cristo não é um personagem perdido nas brumas da história, mas uma pessoa viva, que está diante de sua porta e bate – como ele mesmo o disse” (cf. Ap 3,20) (Cartas sobre a Oração, p. 24, republicado na Carta Mensal, abr. 1974, p. 4).

Ainda ensina: “É desse Cristo, desse Cristo voltado para nós e que deseja atar relações pessoais conosco que você precisa conhecer os sentimentos e desejos, o que ele pensa e quer de sua alma” (idem, *ibidem*).

“A oração é necessária, diz Santo Tomás de Aquino, não para que Deus conheça as nossas necessidades, mas para que nós fiquemos conhecendo a necessidade que temos de recorrer a Deus, para receber oportunamente os socorros da salvação” (*in A Oração*, S. Afonso de Ligório, Santuário, p. 21).

Em Mateus 7,7, Jesus orienta: “Pedi e se vos dará”. Santa Teresa d’Ávila comenta assim: “Quem não pede não recebe”. E São João Crisóstomo acrescenta: “Assim como a umidade é necessária às plantas para não secarem, assim nos é necessária a oração para nos salvarmos” (idem, *ibidem*). Aliás, Santo Afonso de Ligório é taxativo: “Quem reza se salva”!

Para Santo Ambrósio, “quem ora, enquanto ora, recebe, porquanto rezar e receber é a mesma coisa. Quem reza, enquanto reza já recebe o que pede; pois pedir é receber” (*A Oração*, p. 55).

Parece repetir o que está na 1ª Carta de São João 5, 14-15: “E esta é a confiança que temos em Deus: se lhe pedimos alguma coisa de acordo com a sua vontade, ele nos ouve. E se sabemos que ele nos ouve em tudo o que lhe pedimos, sabemos que possuímos o que havíamos pedido”.

Precisamos ser exigentes conosco mesmos e com os casais na vida de oração.

Coloquemo-nos em Paris no fim da década de 30. Uma senhora caminha ao encontro de um sacerdote. Consultado por aquela nossa irmã, depois junto com o marido e com outros casais, “jovens casais que se sentem irresistivelmente levados a interrogar o Senhor sobre as riquezas cristãs do amor e do casamento” (Carta Mensal, ago. 1973, p. 1). Pe. Caffarel experimenta certo medo e quer – ele confessa – fugir, mas conclui: “Procuremos juntos”.

Anos mais tarde, enfatizará que “nada estabelece laços mais íntimos do que procurar Deus juntos”!



A palavra de quem não vivencia a oração, de quem só fala sobre ela, não contagia nem convence. Pe. Caffarel, homem de oração, viveu-a e convenceu.

Em Lc 11,1, encontramos Jesus rezando. Terminando a oração, disse-lhe um de seus discípulos: “Senhor, ensina-nos a rezar”. Jesus orou primeiro e depois ensinou a orar. Foi do observar como Ele orava que nasceu nos discípulos o desejo de aprender a orar. Ele ensinou a orar como ele orava (cf. Frei Avelino Pértile, *A Pastoral da Oração*, Colegiado da SRB, abril de 2009).

É bom sempre lembrar São João da Cruz, o carmelita descalço: “Há muitas almas que pensam não ter oração e têm, e há outras que pensam ter oração e têm pouca ou nenhuma oração”!

Não fiquemos na ‘entrada do castelo’, na mediocridade, nem deixemos outros por lá: é preciso entrar no palácio da oração, sabendo, como ensina o Catecismo da Igreja Católica, que “o Espírito Santo é o Mestre interior de toda oração cristã” (CIC 2672). Que nosso fundador nos ajude não só a entrar, mas a ficar no *palácio da oração*, onde mora o Rei “manso e humilde de coração”!

Santo Afonso de Ligório, conhecido como *Doutor da Oração*, dedicava em torno de oito horas por dia à oração.

O Papa Francisco entrega quatro horas de sua jornada para estar com o Senhor. Por isso, jornalistas o chamam de *um vulcão*, pela intensa atividade que desenvolve depois. As mesmas quatro horas Lutero dedicava à oração. Ele dizia: “Hoje tenho muito que fazer, portanto, rezarei ao menos quatro horas”. Toda a força da frase está no **portanto**. Frequentemente prevalece a lógica contrária: “Tenho muito que fazer, portanto tenho pouco tempo para rezar”.

E aí vem o Cura d’Ars alertar: “A alma que reza pouco é semelhante às aves do galinheiro que, mesmo tendo grandes asas, não sabem como utilizá-las” (*A vida do Cura d’Ars*, Marc Joulin, O. P., Loyola, p. 94).

Disse-me um Bispo amigo: “Numa Equipe, o Conselheiro Espiritual é para sempre, como o Bispo na Diocese: ele a marca para o resto de seus dias”. Como reza, o Conselheiro? Quanto reza? Como ensina a rezar?

Para que os casais equipistas que acompanho conheçam melhor o fundador de nosso Movimento, envio-lhes semanalmente por e-mail o que chamei de “Encontros das quintas-feiras com o Pe. Caffarel”. Já estamos perto do Encontro n. 400! E para ajudá-los a estarem ainda mais perto do Senhor, todos os primeiros sábados do mês, à noite, rezamos o Rosário - os quatro Terços! - diante do Santíssimo.

Em outubro do ano passado, um desses Encontros das quintas-feiras revelou-nos o que Pe. Caffarel contava nos inícios do Movimento e que se encontra em “A missão do casal cristão”:

“No grupo de antes da guerra, a oração jorrava espontaneamente, como o louvor diante da beleza. Procurava-se a oração por ela mesma. Ela se impunha! Quem não se sentiria fraco e desprotegido diante de um futuro inquietante? Descobria-se, então, a humilde oração de pedido. Aqueles de vocês que



pertenciam às equipes naqueles já longínquos anos guardam uma lembrança inesquecível dessas vigílias inteiramente consagradas à oração” (A missão do casal cristão, p. 54).

Aqui parece estar uma sugestão: promover vigílias de oração em nossas Equipes, instalar nos lares “quartos de guerra”, de oração, como lembra com excelência filme do mesmo nome: *Quarto de Guerra!*

Caffarel relata como, naquela oportunidade, época da guerra, se reuniram para rezar quando uma jovem esposa telefonou dizendo que seu marido havia sido preso e deportado. Os casais da equipe se reuniram à noite, no lar do casal em dificuldade, e a oração não se interrompeu. Às vezes, cansado, alguém ia dormir, mas os outros permaneciam. Às seis da manhã, Pe. Caffarel celebrou a Missa, deixando paz e confiança para a esposa e os filhos. Conclui ele mesmo:

“Essas lembranças não deixam de despertar uma certa vergonha de nossa tibieza de hoje. Os perigos que nos ameaçam diretamente a nós mesmos são menores, talvez, mas será que o nosso mundo precisa menos de oração?” (cf. A missão do casal cristão, p. 55).

Acrescentará depois: “Tudo se resume em saber se é vital comer, tudo se resume em saber se é vital rezar” (Boletim dos Amigos do Pe. Caffarel, julho 2012, p. 21).

O que é a oração? “A oração é, em nós, a reação de nossa alma em face de Deus” (Carta Mensal, mai. 1973, p. 2). Reação quando o pensamento da grandiosidade de Deus se nos apresenta, quando fazemos a descoberta de que tudo vem de Deus, quando contemplamos nas criaturas um reflexo do esplendor divino...

Perguntemos de novo: em que consiste orar? Pe. Caffarel responde: “Consiste essencialmente em oferecer-se, entregar-se, com a inteligência e o coração bem abertos, à ação ininterrupta e influente do Cristo glorioso que está presente” (Presença de Deus – 100 Cartas sobre a Oração, p. 90).

Num texto famoso - Sois esperados -, escreve Pe. Caffarel: “Desejaria, meu amigo, que, entregando-se à oração, você tivesse sempre a profunda convicção de ser esperado: esperado pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo” (Presença de Deus – 100 Cartas sobre a Oração, p. 8). Para ele, a oração é “dom de Deus”, porque só Deus pode tornar-nos capazes de rezar como convém.

Ele pergunta com perspicácia se, indo a ela, “não contamos demais conosco mesmos” (idem, ibidem). Continua: a oração é “o céu, ao menos no que ela tem de essencial: a presença, o amor, o acolhimento de Deus a seu filho, à sua filha” (idem, ibidem).

“O Senhor ouve-nos sempre. Melhor: quando apenas demos alguns passos, Ele já vem ao nosso encontro. Recorde-se da parábola: *“Estando ele ainda longe, seu pai viu-o, foi tomado de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e abraçou-o longamente”* (Lc 15, 20) (idem, ibidem)

Aconselha: “Aprendeí, ao longo do dia, a entrar muitas vezes dentro de vós mesmos para adorar o Deus que aí vos espera” (Cartas sobre a Oração, pp. 158-159).



Então, ensina que é preciso pedir a Deus a graça da oração (Presença de Deus – 100 Cartas sobre a Oração, p. 28).

Um dia, numa reflexão que não se pode ignorar – *Tu me verás de costas* –, citando Santo Tomás de Aquino, diz, como profundo conhecedor: “Chegados ao fim do nosso conhecimento, conhecemos a Deus como um Desconhecido” (Presença de Deus - 100 Cartas sobre a Oração, p. 192).

De outra parte, ele sabe que haverá dias em que estaremos desanimados, cansados... Escreve que é “então que teremos o apoio de nossos amigos. Digamos a eles: quando eu adormecer, me acorda; quando estiver cansado, me sustenta; quando eu cair, me levanta!” (O Boletim dos Amigos do Pe. Caffarel, julho 2012, p. 5, artigo de Silvia e Chico Pontes, transcrevendo o que um pequeno gravador permitiu registrar). [Ajuda mútua espiritual!](#)

Numa entrevista, afirma atribuir tudo à oração na sua vida (Radioscopie, France-Inter, 15.03.73).

Ele gosta de falar do amor conjugal e da oração: “O amor conjugal declina quando os esposos renunciam ao esforço cotidiano pela descoberta um do outro. O mesmo acontece em nossas relações com Deus: o amor periclita quando se afrouxa o esforço de conhecimento” (Cartas sobre a Oração, p. 100).

Amor e oração, oração e amor intimamente relacionados!

Conhecendo tantos casais, e conhecendo-os tão bem, insiste que “uma das razões da oração conjugal é conservar a graça do matrimônio. É um pouco como se, todas as noites, o casal repetisse o sim sacramental”. Garante, por isso, que “se todas as famílias cristãs estivessem convencidas do valor da oração conjugal, se em todas essas famílias a oração conjugal estivesse viva, haveria no mundo um prodigioso crescimento da alegria, do amor e da graça”.

E acrescenta: “Ocupar-se de Deus nunca equivale a negligenciar os seus: o que se lhe dá nunca é retirado aos outros” (Cartas sobre a Oração, p. 149). Há um tempo para cada coisa (Ecl 3,1).

Pe. Caffarel semeia sempre e, semeando, chega ao coração das mães, para uma feliz comparação:

“Se a oração de uma mãe já é o grande recurso dos seus filhos, com muito mais razão a oração de Jesus Cristo é nossa incomparável riqueza. Que segurança seria a nossa se acreditássemos que Cristo glorioso está à direita do Pai intercedendo por nós sem cessar... (Hb 7,25)” (Cartas sobre a Oração, p. 150).

Atribui tanto valor à oração que não hesita afirmar: “A Eucaristia e a Palavra de Deus não produzirão em nós seus efeitos vitais e transformadores a não ser que nossa alma esteja irrigada pela oração interior”. O fundamento da oração interior é a presença de Deus em nós.



Deus está em nós; nós é que estamos fora dele. “Se alguém me ama, guardará a minha palavra; meu Pai o amará, e nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada” (Jo 14,23). Deus desertou do templo de Salomão para vir habitar em nossa alma. “Não sabeis que sois templo de Deus?” (1Cor 3,16) (Cartas sobre a Oração, p. 157).

E nós, quantas vezes damos ordem de despejo a esse Deus que tanto bem nos quer...

Adoremos em silêncio a Trindade viva, ofereçamo-nos e abramo-nos à sua vida palpitante. Pouco a pouco seremos divinizados e a nossa vida exterior será então a manifestação, a epifania de nossa vida interior (cf. Cartas sobre a Oração, p. 158).

Em “Centelhas de sua Mensagem” vemos Pe. Caffarel dizer que “a oração cria o amor e o amor leva ao sacrifício” (p. 108). No jubileu de ouro de ordenação sacerdotal, em 1996, João Paulo II dirá de forma semelhante: “A oração cria o sacerdote e o sacerdote cria-se através da oração” (Dom e Mistério, p. 103).

E Caffarel adverte paternalmente os Conselheiros: “Para ajudar os outros a encontrar Deus, é certamente indispensável que nós mesmos o procuremos”!

Na Carta Mensal de junho de 1972, um editorial belíssimo, intitulado *O Cenáculo*. Escreve Caffarel: “A oração continua não tendo vez junto a numerosos leigos e sacerdotes” (p. 1).

Em outra oportunidade, relata uma de suas experiências:

“É muito impressionante, quando se viaja de avião, à noite, contemplar as grandes extensões sombrias que sobrevoa, salpicadas aqui e ali de pontos luminosos. São bem pouca coisa essas pequenas luzes, mas fazem com que tudo seja mudado: adivinha-se o trabalho, o amor, a festa ou a dor, a oração.

Nas trevas de um mundo que não reza mais, gosto de pensar nessas pequenas luzes que são as habitações onde seis ou sete filhos de Deus se encontram para adorar, louvar e pedir. Que aja alguns milhares, algumas centenas de milhares, de pequenos *lares de oração* no nosso mundo e a face da terra será mudada” (Carta Mensal, jun. 1972, p. 2)

Recordando sua viagem ao Brasil em 1972, descreve um encontro não previsto com os jovens, mas que o agradou muito (Carta Mensal, mar. 1973, pp. 1-2). Afirma: “Não há dúvida, uma paixão habita neles, o amor de Cristo” (idem, p. 2).

Tendo visto o interesse daqueles jovens por Jesus, pergunta com suave ironia: “Sejamos francos: ao nos encontrarmos todos os meses (para a reunião da Equipe), o nosso primeiro pensamento não é: o que vamos descobrir de Jesus Cristo no decurso deste encontro?...” (idem, *ibidem*).

“Tratando da educação espiritual, Pe. Caffarel pede que nos lares ‘se formem *buscadores de Deus*’ que frequentem a Bíblia, que rezem juntos, que integrem na oração familiar elementos



da oração litúrgica da Igreja” (Conferência do Mons. François Fleischmann, SCE da ERI, Roma, 2003).

Num livro belíssimo - O amor e a graça -, escreve:

“As graças se pedem. Tendes rezado? E sobretudo, tendes perseverado na oração? (...) Um cristão jamais luta sozinho; podem faltar-lhe as forças, mas nunca a graça de Deus” (p. 29).

Em outra página:

“Deus é um educador; ele não pede aos seus filhos que se tornem santos de um dia para o outro, mas exige que não contemporem com a mediocridade” (p. 30).

Aliás, muitas vezes volta a advertir-nos que é preciso lutar cada dia de novo contra a mediocridade.

“É preciso reagir, insiste; é preciso que se formem em vossos lares almas sequiosas de Deus” (O amor e a graça, p. 151). E deseja que sejamos aquele de quem fala o livro dos Provérbios: “Fatiguei-me por conhecer a Deus”! (idem, p. 152).

Então nos estimula a rezar também com o grande poema do universo, a criação (idem, ibidem), porque *a terra está cheia da bondade do Senhor*. Não é difícil, a quem contempla o voo de um pássaro, por exemplo, nele descobrir um pouco da perfeição e do amor de Deus.

Talvez estejamos bem fracos na oração, na contemplação. Ele faz o diagnóstico: **a razão disso pode estar na fraqueza do amor pelo Senhor, na dureza de nosso coração** (cf. Ez 36,26).

E, no entanto, se tivermos um coração semelhante ao de Cristo, o Cristo orante, a onipotência como que se põe em nós e parte a serviço do amor (O amor e a graça, cf. p. 159) .

Ao cristão que se dá, Cristo se entrega! (idem, p. 161).

Pe. Caffarel fala de “uma heroína de Pearl Buck que acaba de perder seu marido, depois de muitos anos de vida em comum. Era um homem silencioso. A pergunta que essa mulher se fazia com frequência, torna-se-lhe mais torturante agora:

Fui-lhe útil, necessária?

E eis que lhe chegam aos ouvidos - trazidas sem grande atenção por um cunhado, as últimas palavras do desaparecido:

**Ela foi o meu pão de cada dia.**

Uma alegria, mais que uma alegria, um grande rio de paz inunda-lhe todo o ser. Agora, ela sabe...” (O amor e a graça, p. 161).



Contemplemos Davi no seu *miserere* (Sl 51[50]). Também a nós o Senhor nos ouve gemer em nossa miséria espiritual. E vem nos socorrer; seu Espírito não se afasta de nós, se não nos afastamos d'Ele!

Quando Caffarel se reporta às *almas sequiosas de Deus*, esmera-se em traçar um pequeno retrato do *lar adorador* (O amor e a graça, pp. 152-153), “em que pais e filhos vivem sob o olhar do Eterno” (p. 152), e sente que “o zelo da glória do Senhor está aceso nessas almas” (idem, p. 153). Parece recordar Elias no Horeb: “Estou ardendo de zelo pelo Senhor” (1Rs 19,10)!

Cristo nos conhece e nos chama pelo nome. O fundador cita Claudel:

Só há uma coisa necessária:  
Cristo é alguém que nos pede tudo,  
e a quem somos capazes de dar tudo” (idem, p. 154).

É categórico: “Um homem de oração servirá à causa de um Outro [de Deus], e não mais aos seus próprios interesses” (idem, ibidem).

O que buscar na oração? Só consolações?, pergunta Caffarel. E responde: “Não; a força. A força para viver e morrer” (idem, p. 155), porque a oração nos fortalece para os embates da vida!

“O essencial é procurar Cristo”: isso ele repetia sempre para as Equipes. “Minha experiência - diz ele - não me deixa nenhuma dúvida: a oração é vital tanto para vocês, leigos, como para nós, sacerdotes” (in Profeta do Matrimônio).

Em “Orar 15 dias com Henri Caffarel”, Jean Allemand traz este rico pensamento de nosso padre: “Pelo sacramento do matrimônio, Cristo deu esses dois filhos seus um ao outro. A oração conjugal abre o coração do marido e da mulher à ação do Espírito Santo, que cura e transfigura seu amor. O Cristo está presente no lar que se dá a ele”.

Que grande PCE, a oração conjugal; é mesmo uma maravilha. Como a fazem os nossos casais?

Ele não hesita exortar com vigor e energia nossa moleza, nossa falta de entusiasmo em seguir o que é o ideal cristão a seus olhos. Lembra constantemente a necessidade de dialogar com Deus na oração e na meditação (Profeta do Matrimônio).

Em editorial da Carta Mensal (maio de 72, p. 1), escreve com todas as letras: “Se há tantos cristãos raquíticos, é que são bem poucos aqueles que procuram a Deus”. Fala da ‘anemia espiritual’. Em outra parte tratará das ‘almas anoréxicas’.

Dirá na Carta Mensal francesa de outubro de 1954: “A anorexia espiritual é uma doença muito frequente nos cristãos. Eles não têm fome e também negligenciam muito ao se alimentar. Muitas vezes o alimento que eles utilizam não é devidamente aproveitado. Reconhecemos a saúde espiritual através do sinal de fome de conhecimento de Deus, da sua doutrina, da sua Palavra”.

Cito o que se encontra em “Reunião de Equipe”, p. 31, que transcreve o editorial de 72, a que me referi há pouco: “Se as Equipes não conseguirem dar-vos o gosto e o apetite do conhecimento de Deus, (...), então as nossas Equipes não têm muita razão de ser. Se o homem não o conhecer com um conhecimento vivo e incessantemente mantido, não tenha ilusões: não o amará e nem o servirá verdadeiramente”.



“O cristão que reza torna-se pouco a pouco uma pessoa em quem Deus já não encontra resistência, e que pode transformar-se naquele exemplar único de santo que Deus imaginara e amara desde toda a eternidade” (Novas Cartas sobre a Oração, p. 25).

Falando a seminaristas, Pe. Caffarel confessa: “A oração ensinou-me a verdade: em presença de Deus, tudo é simples” (Novas Cartas sobre a Oração, p. 87).

E acrescenta mansamente: “A oração torna a equilibrar a gente, física, psicológica e moralmente. Conforme faço oração ou não, o meu dia resulta completamente diferente. A oração traz alegria e paz, é impressionante. No dia em que faço oração, aprecio o meu trabalho, dou conta dele com alegria” (idem, ibidem).

Em 1954 já escrevera: “O caminho é estreito. (...) Sejam humildes, sejam puros, sejam dóceis, sejam oração, sejam perseverantes e encontrarão esse caminho. E encontrarão o Cristo” (Carta Mensal de maio).

E parece pedir-nos para não esquecer que “quem larga mão da oração, definha” (Novas Cartas sobre a Oração, p. 84).

Em 1955 publica editorial interessante com o título “**Tantas falências**”. Sempre é o seu desejo aquele de reagir à perda de dinamismo, de calor na oração. Sentencia: “A oração é necessária, salva do sufoco a nossa alma”. E pergunta: “A vocês falta tempo?” Penetrante, logo responde: “Vocês têm tempo para comer e dormir, não deixem que sua alma morra por inanição!” (cf. Propos, pp. 128-129).

Discorre, em editorial com título muito sugestivo, na Carta Mensal de setembro de 1972: *Cristãos decapitados*, sobre a atrofiada inteligência encontrada também no plano religioso. Logo ataca o problema da “vida de oração inexistente ou morna”(p. 2), rica de gemidos e lamentações.

Poderíamos acrescentar a palavra do Senhor:

“Conheço a tua conduta. Não és frio, nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Mas, porque és morno, nem frio nem quente, estou para vomitar-te de minha boca” (Ap 3, 15-16).

Questionado sobre a importância, o impacto que tem a oração, Caffarel, perguntando, já responde: “Por que a oração possui uma potência tão grande? Porque ela não é uma atividade do homem, mas uma atividade de Deus no homem, à qual o homem está associado. Cristo dizia: ‘Meu Pai e eu trabalhamos sempre’: o homem que ora alcança em si mesmo a onipotente atividade divina, se entrega a ela, coopera com ela, oferece-lhe o modo de penetrar em um mundo que, de outra forma, se fecharia para ele”.

Na Carta Mensal de julho de 1966 (Portugal) lamenta e ao mesmo tempo oferece o remédio: “Tantas almas que se desagregam no clima de inquietação, de febre, de materialismo em que se banham. E o nosso mundo ameaçado - de catástrofes espirituais mais ainda do que de catástrofes materiais - tem tanta necessidade de oração!”

Em “A missão do casal cristão” tratará do ateísmo, dos filhos grandes “que declaram não mais crerem em Deus”. E observa: “As altas muralhas por trás das quais a família cristã facilmente se isolava, não mais a abrigam das agressões do mundo” (p. 107).

Fiquemos um pouco com as **Cartas sobre a Oração**, que utilizo a partir da edição de 1962.



Citando Êxodo 3,5, Pe. Caffarel recorda que “a oração é um lugar sagrado, a terra santa em que Deus habita. É aí que ele espera o homem, é aí que lhe falará e, talvez, o abracará no seu amor terno e poderoso” (p. 15).

Indica caminho: “Só a descoberta do prodigioso amor que Cristo nos dedica pode fazer jorrar em nós o amor e a oração” (p. 25). Se Santo Agostinho dizia: “não possuo outra coisa senão a minha vontade” (Coração Inquieto, Cidade Nova Editora, p. 124), Pe. Caffarel afirmará que “a oração fortalece a vontade” (p. 27). O essencial da oração é a vontade. (...) Querer orar, é orar (p. 37), declara.

Em **Novas Cartas sobre a Oração** oferece um alento: “Caso você palmilhe fielmente o caminho do Senhor, Deus triunfará em você, a vontade de Deus apoderar-se-á de sua vontade como a chama se apodera da acha de lenha e a transforma em fogo” (p. 24).

E acrescentará em **Cartas sobre a Oração**: Quinze minutos, “um pequenino quarto de hora do dia consagrado a Deus, transfigura miraculosamente os 95 outros (o dia – sabemos - tem 96 quartos de hora), comunicando-lhes sua vibração de prece (cf. pp. 27-28). “Caminha-se muito em pouco tempo, com a força da oração!” (Santa Teresa d’Ávila).

Paulo VI exclamará, como que num lamento: “Agostinho, não é verdade que tu nos chamas à vida interior? Aquela vida que a nossa educação moderna, projetada sobre o mundo externo e informada pelas impressões dominantes deste mundo, nos enlanguesce e entedia? Não sabemos mais rezar! Conquistamos o mundo e perdemos a nossa alma!” (Coração Inquieto, p. 25).

Voltemos às **Cartas sobre a Oração**:

Pe. Caffarel sabe que existem distrações na oração e que alguns até desistem dela por isso. Parece que até com certo gosto ele cita um autor antigo (um pouco misógino!), que ensinava: “As distrações na oração são como as mulheres: não lhes deis atenção e bem depressa elas vos deixarão em paz!” (p. 38).

Ancorado num pedido - estava por dizer numa ordem - do Pe. Caffarel, tenho sugerido aos casais que acompanho o que ele mesmo disse: “Ponde-vos de **joelhos** para adorar, para falar ao Senhor” (p. 61). O Salmista pede: “Vinde, prostrados adoremos, de joelhos diante do Senhor que nos criou” (Sl 95[94], 6).

E agora uma lição muito prática: “Quando tomamos um banho de sol não é preciso afadigar-nos para que ele nos aqueça e nos penetre: basta colocar-nos sob a ação dos seus raios. O mesmo se passa na oração: basta expor-nos ao Sol. Mas é preciso acreditar no Sol e em sua ação. O que importa é a nossa fé (p. 71).

À pergunta: **que lugar ocupa Maria na oração?**, ele responde falando primeiramente do lugar que ocupamos na sua. Diz-nos que se há um espetáculo na terra que comove e arrebatava o coração materno de Nossa Senhora, é ver um dos seus tentar falar ao Senhor, e esforçar-se por ouvi-lo.

E faz o acréscimo de uma bela imagem: Assim como se protege com as duas mãos a fragilidade de uma chama exposta ao vento, assim Maria, com a sua prece onipotente, protege a oração de seu filho, de sua filha (p. 80).



Volta a referir-se aos **joelhos**: “O cristão que quer orar, comece por se ajoelhar junto de Maria em oração” (editorial da Carta Mensal de outubro de 1973, p. 2).

Certo dia, Pe. Caffarel encontrou um camponês que lhe falou do conselho que lhe dera um velho vigário que passava horas inteiras em oração, na igreja. O camponês, então com 14 anos, disse-lhe: “Eu também queria aprender a rezar, senhor vigário”. O vigário sorriu. Parecia tão feliz! E respondeu: “Quando fores a Deus, meu filho, pensa com toda a convicção que ele está presente, e dize-lhe: ‘Senhor, ponho-me inteiramente à vossa disposição’” (Cartas sobre a Oração, pp. 83-84).

Então, rezar é isso: colocar-se à disposição de Deus!

E agora, um pensamento tão importante e do qual, tantas vezes, nos esquecemos: “Em todos os batizados, o Pai reconhece o seu Filho: na oração deles, por mais desprezível que seja na aparência, é a oração de seu Filho que o Pai ouviu” (Cartas sobre a Oração, p. 113).

Nós, Conselheiros, mas de modo particular ainda mais os sacerdotes, somos chamados a interceder pelos que o Senhor colocou sob nossos cuidados e a incentivá-los a interceder cada um por seu cônjuge e, os dois, pelos filhos. Pe. Caffarel lança um alerta: “Ai dos séculos em que Deus não encontrar intercessores” (Cartas sobre a Oração, p. 120). E adverte ser preciso suscitar almas de oração (idem, p. 121).

Então se detém a falar sobre o **reino do silêncio**. E diz: “Se, ao deixar a oração, se sentir calmo e como que renovado, então não busque outra coisa: é o Espírito Santo que o introduziu no reino do silêncio” (Cartas sobre a Oração, p. 131).

Ele pede que acessemos esse reino, que dediquemos cada dia ao menos meia hora à meditação. “Não podeis velar uma hora comigo?”, perguntava Cristo (eu ia dizer suplicava, emenda Caffarel) aos seus apóstolos no Jardim das Oliveiras (idem, p. 61).

“O reino do silêncio - ele sabe - não é um paraíso terrestre. Haverá momentos em que será preciso grande coragem para resistir à tentação de fugir do que chama de ‘terra austera e deserta’.

Conheceremos dias em que o silêncio será vazio, em que não ser ativo parecerá perda de tempo. Pe. Caffarel então aconselha: Não se inquiete; descansa com simplicidade nas profundezas de sua alma” (idem, pp. 131-132).

Séculos atrás, no deserto, a monja Teodora conhecia a bênção do silêncio, mas também o seu perigo. Dizia: “Assim que ficamos silenciosos, vêm os demônios e querem nos afastar do silêncio. Seu método é assolar nossa alma com *akedia*, com tédio e falta de vontade, e exercer influência sobre o corpo, através de toda sorte de doenças e males. Os demônios acabam com a força da alma e do corpo. Dessa maneira, o monge não tem vontade para rezar” (Sabedoria do deserto, Anselm Grün, p. 119).

“Sabemos que toda alma em estado de graça está em potência de oração”. Caffarel acrescenta: “Basta que ela passe ao **ato de oração**, para que a oração de Cristo, nela e por ela, se eleve para o Pai” (Cartas sobre a Oração, p. 134).

Repete que “a oração é dom de Deus, o que não impede, todavia, que se estiole se não lhe damos a nossa adesão, se não recorremos aos sacramentos que a alimentam” (idem, p. 134).



Quando um casal, Paul e Monique, pedem-lhe um livro de meditações, ele responde: “Mas aprendei a decifrar aquele que Deus vos deu: o vosso matrimônio” (idem, p. 141).

Em “Novas cartas sobre a oração”, ao pedido de um pai que lhe solicita conselhos para a oração, Pe. Caffarel escreve que não responderá com longas considerações teóricas. E diz: “Deus acaba de lhe dar um mestre de oração: o seu próprio filhinho”, que acaba de nascer (p. 71). A oração é tirada da vida e a vida é revigorada pela oração!

“A quem faz a pergunta: ‘Para que a oração?’, responde: ‘Para que Deus, como oleiro, me modele à sua imagem’ ou ‘para que eu lhe preste honra e glória’” (Novas cartas sobre a oração, p. 70)

Para quem gosta de fazer, fazer, fazer, ser ativo, Pe. Caffarel como que revela um segredo: “A oração autêntica – diz ele - é essencialmente atividade. Repila a tentação de se acreditar inativo: no mais íntimo de sua alma há uma atividade sutil, puríssima, pouco perceptível, porque espiritual, suscitada pelo Espírito Santo” (Cartas sobre a Oração, p. 168).

E reporta-se a uma mulher humilde que, “se o ouvisse falar do seu método de meditação, haveria de sorrir”... Um dia, ele perguntou-lhe como orava. Ela respondeu:

- Ao começar minha meditação, penso que Deus tem os seus desígnios e que ele quer alguma coisa desse momento que venho passar junto dele. Então, quero o que ele quer e não busco outra coisa. Eis aí toda a minha oração” (idem, pp. 189-190).

O fundador das ENS termina suas **Cartas sobre a Oração** com uma pergunta: “O nosso mundo moderno consentiria em se ajoelhar?” (224).

E poderíamos - ou deveríamos - nos indagar, sacerdotes e acompanhantes, conselheiros espirituais das Equipes de Nossa Senhora: *Consentiríamos em nos ajoelhar para santificar-nos? Consentiríamos em nos ajoelhar pelos casais que o Senhor colocou em nossas vidas? E mais: estamos dispostos a levar esses casais a se ajoelhar?*

*“Ó Tu que moras no fundo do meu coração,  
Deixa que eu me una a ti, no fundo do meu coração.*

(Boletim dos Amigos do Pe. Caffarel, julho 2012, p. 23)

As palavras de Cristo, colocadas, por desejo do Pe. Caffarel, na sua lápide, querem – parece-me – indicar o que ele gostaria que fizéssemos: *Vem e segue-me* como eu segui o Senhor, como eu o servi, como eu me entretive com ele na oração, como o amei. É o caminho! E ele poderia ajuntar Paulo: “Sede meus imitadores, como eu o fui de Cristo” (1Cor 11,1).

Terminemos assim como ele finalizou o discurso de Chantilly e como cantávamos em Roma no final do Encontro Internacional de 1982:



Equipes de Nossa Senhora

## **Ecce... Fiat!**

Carlos Martendal  
ENS Auxiliadora  
Florianópolis - SC